

Cresce o número de invasões em áreas públicas

Fotos: Givaldo Barbosa

No início do processo de transição do governo local, as invasões de áreas públicas explodem pelos quatro cantos do Distrito Federal. Brasília que, pelo último censo do IBGE, contava apenas com uma favela, já não pode mais orgulhar-se da situação constatada pelos recenseadores. Num rápido giro pelos pontos críticos da cidade, a reportagem do Jornal de Brasília identificou o ressurgimento de três invasões e a ampliação de outra, com a construção de mais de 150 novos barracos.

Até ontem à tarde, quatro novos barracos foram erguidos na antiga invasão da quadra 213 Norte, área pertencente à Universidade de Brasília (UnB). Uns construídos com compensados de madeira e outros com lonas e plástico. Também na Asa Norte, na quadra 911, entre a Casa do Ceará e o templo Islâmico, outros 30 barracos foram levantados no meio do cerrado, num local conhecido como invasão do Ceub.

A situação mais crítica, no entanto, concentra-se na margem direita da Via Estrutural, onde mais de 100 barracos foram erguidos nos últimos dias, próximo à antiga invasão do "Lixão do Jockey Club". No local destinado à implantação da Área de Expansão Econômica do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), os barracos surgem a cada dia, como cogumelos, no meio do cerrado.

Outra área invadida, e que já foi motivo de conflito entre moradores e a Polícia Militar, situa-se no Setor Sudoeste, nos fundos da Imprensa Nacional, próximo ao Setor de Indústrias Gráficas (SIG). Ali, cerca de 20 barracos de madeira estão instalados.

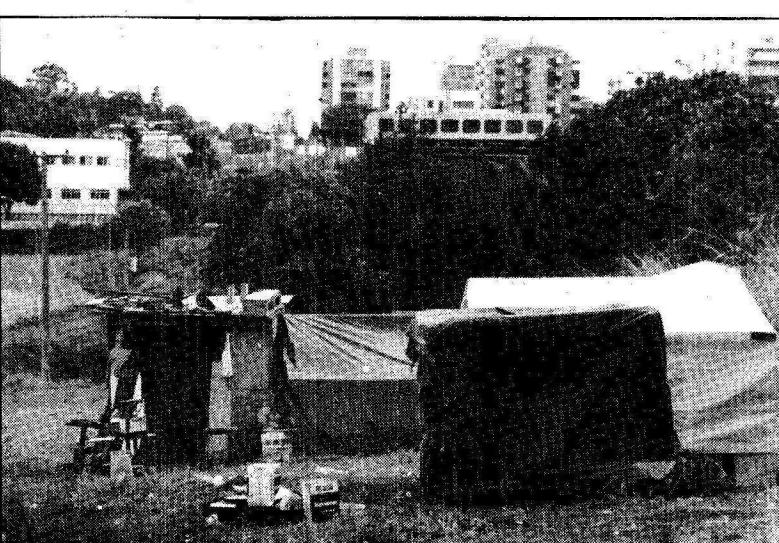
Miséria — Sem a menor condição de habitação, num dos barracos da 213 Norte mora a família de Célia Eunice, com quatro crianças pequenas e o companheiro. Tomam banho e apanham água para as suas necessidades numa torneira instalada no balão do canteiro central da Via L-1, ou num córrego que passa perto do local. Célia diz que está

ali temporariamente, até a passagem das festas de fim de ano. "Os moradores das proximidades nos ajudam com comida e presentes para as crianças. Não pretendo permanecer aqui", garante.

O vizinho do lado, o carroceiro Admilson Maria Conceição, também afirma que não pretende continuar no local. Mora em Sobradinho e assegura que acampou no local enquanto ganha algum dinheiro, mas depois volta para a satélite. Próximo ao Colégio Compacto, a doméstica Eliane Ferreira Campos, 17 anos, mora num barraco de lona, armado sob uma árvore, junto com sua mãe e duas irmãs, de sete e oito anos. "Não posso pagar aluguel e nem tenho para onde ir. Se me tirarem daqui pego as coisas e procuro outro local para ficar", diz. Eliane jura que nasceu em Brasília e sua mãe é paraibana, mas o sotaque ainda é carregado.

João da Silva é dono de um ferrovelho, na 911 Norte. Mora com a família em Samambaia, mas não pode ficar longe do "negócio", por isso permanece no local. Pai de nove filhos e mineiro de Brumadinho do Paráopeba, João diz que quer uma área de terra para plantar. "Isso eu sei fazer e bem", afirma. Sua esperança renasceu quando foi visitado pelo candidato Valmir Campelo, que lhe prometeu arranjar uma chácara para produzir. "Mas ele perdeu a eleição, e agora?", indaga. Próximo ao seu surgiram mais uns 30 barracos, no meio do cerrado.

Acampamento — Na cabeceira do córrego Currais e Pedras, em Taguatinga Norte, próximo à Via Estrutural, ao longe se vê o que parece ser mais uma invasão. No entanto, trata-se de um acampamento cigano, com suas barracas de lona novas e carros do ano. "Viemos de Itapaci (GO), para vender uma tropa. Pretendemos voltar antes do Natal", confirma o líder do grupo, José Soares, mostrando os dentes de ouro com um sorriso.



Eles chegam na cidade vindos de vários estados sem dinheiro, comida ou trabalho, em busca de uma vida melhor em Brasília

